



## G'Dausbbah

Alexandre Santos

Poema composto em março de 2004, que relata a epopéia de um povo que, depois de viver tempos de paz e fartura, é atormentado e submetido pelos demônios e organiza o movimento de resistência e luta até expulsá-los e comemorar a vitória final.

### Parte I

#### O desejo de sangue

Depois de um breve descanso,  
já refeita da peleja em que feriu e matou,  
a besta acordou,  
pronta para uma nova jornada de ódio, cobiça e ranço.

Olhos injetados,  
Hálito sepulcral,  
Couro rachado,  
Voz infernal.

Queria espalhar dores e sofrimentos.  
[queria] empestar o mundo com tristezas e tormentos.  
[queria] sufocar a paz, estimular atritos.  
[queria] semear a intriga, colher gritos.

Queria ouvir o lamento dos exilados.  
[queria ouvir] o arfar dos mutilados.  
[queria ouvir] o pranto dos vencidos.  
[queria ouvir] o suspiro dos foragidos.

Queria esmagar a felicidade.  
[queria] festejar a maldade.  
[queria] regar a terra com o sangue fresco das crianças.  
[queria] salpicar o vento com o cheiro acre das matanças.

Ao léu escolheu um alvo no qual pudesse despejar sua sanha.  
Um lugar no qual pudesse agir impune, sem manha.  
Um povo no qual pudesse seu ódio cravar.  
Um momento no qual pudesse ferir, massacrar, matar.

## Parte II

### **Os preparativos da invasão**

Convocou os senhores das guerras.  
Bestas sempre ávidas por mais ouro e terras.  
Determinou os horrores.  
Cobrou suplícios e dores.

## Parte III

### **A guerra**

Um sinal, um rufar, a máquina estúpida foi movida  
Promessa de dor, desespero, alma ferida  
A girândola macabra funcionou  
A terra tremeu, o mundo mudou.

O ribombar dos canhões  
O silvo diabólico dos aviões  
A lava em brasa dos vulcões  
A cadência mortal das legiões

O mal chegou.  
Querendo riqueza, matou,  
querendo poder, esfolou,  
querendo prazer, torturou.

Por onde passou,  
Um lamento ecoou.  
Um rastro de angústia e ruína,  
Violência, brutalidade e rapina.

## Parte IV

### **A devastação**

Onde deveria haver amor, cuspiu rancor.  
Onde deveria haver alegria, plantou agonia.  
Onde deveria haver luz, pintou escuridão.  
Onde deveria haver flores, espalhou temores.

O que deveria exalar perfume, cheirava estrume.  
O que deveria viver em festa, pranteava o luto.  
O que deveria exhibir fartura, rachava em pedras.  
O que deveria estar em paz, se debatia em ódio.

Negando clemência aos deserdados,  
Apontando lanças e dardos  
A besta insuflou o ataque final  
Até impor um silêncio mortal, a vida sem sal.

#### Parte V

##### **A ocupação**

Em meio às trevas a besta exultou o mal.  
Imaginou um mundo infernal,  
De miséria universal,  
Deserto sem igual.

Reino da mentira, desencanto, solidão.  
Sombras, labaredas, tempestades, escuridão.  
Cheiros e choros da dor sem fim.  
Serpentes e dragões em maligno festim.

#### Parte VI

##### **A reação**

Mas o sol não se apagou  
a paz das armas não vingou.  
Um tênue facho brilhava na alma reprimida  
Um fio de vida animava a carne ferida

Na procissão dos exilados, o desejo da volta.  
Na vitrine dos mutilados, a rebeldia contida,  
Na mesa dos vencidos, a lembrança da comida.  
No medo dos foragidos, o germe da revolta.

Em cada gesto um aviso  
Em cada olhar um sinal  
Em cada toque, um convite  
Em cada lamento, um desafio

E o povo de Deus se levantou  
Lutou  
Reagiu  
Ressurgiu

Em cada casa, uma trincheira,  
Em cada rua uma bandeira,  
Em cada praça, uma batalha,

Em cada cidade uma fornalha.

## Parte VII

### **A expulsão**

O tempo passou.  
A resistência cresceu.  
quando pode, mordeu.  
quando precisou, correu.

Avançou,  
recuou.  
Fustigou,  
pressionou

Sob relâmpagos e trovões,  
Anjos e santos, piratas e ladrões.  
O fim de um tempo de enxofre, eclipse, clarões.  
O fim de um tempo de pesadelos e visões.

Diante do sonho de liberdade, o homem se fez forte.  
Diante do medo da liberdade, a besta temeu a morte.  
Os anjos louvaram a vitória.  
Os demônios escafederam-se na história.

O sol surgiu.  
Um sorriso se abriu.  
A música soou.  
A festa começou.

## Parte VIII

### **Paz e Glória**

Os mares borbulharam beijos.  
Os campos brilharam estrelas.  
O fogo ardeu paixões.  
O céu espelhou encantos.

Onde havia rancor, brilhou o amor.  
Onde havia escuridão, brotou luz.  
Onde havia horrores, desabrochou flores.  
Onde havia agonia, sorriu a alegria.

O que cheirava estrume, exalou perfume.  
O que pranteava luto, viveu festa.  
O que rachava em pedras, exibiu fartura.  
O que se debatia em ódio, proclamou a paz.

E, enfim livre, o povo pode viver.  
Em festa, desfrutou o fruto permitido.  
Em paz, degustou o mel proibido.  
Em gozo, saboreou a verdade escondida.

Milhões de asas, tontas de luz,  
singraram o céu azul.  
[Elas] comemoram o raiar do sol,  
a chegada da paz,  
vida sem rancor,  
um mundo só de amor.

Recife, março de 2004.